APLAUSO

ANO IV Nº 40

teatro

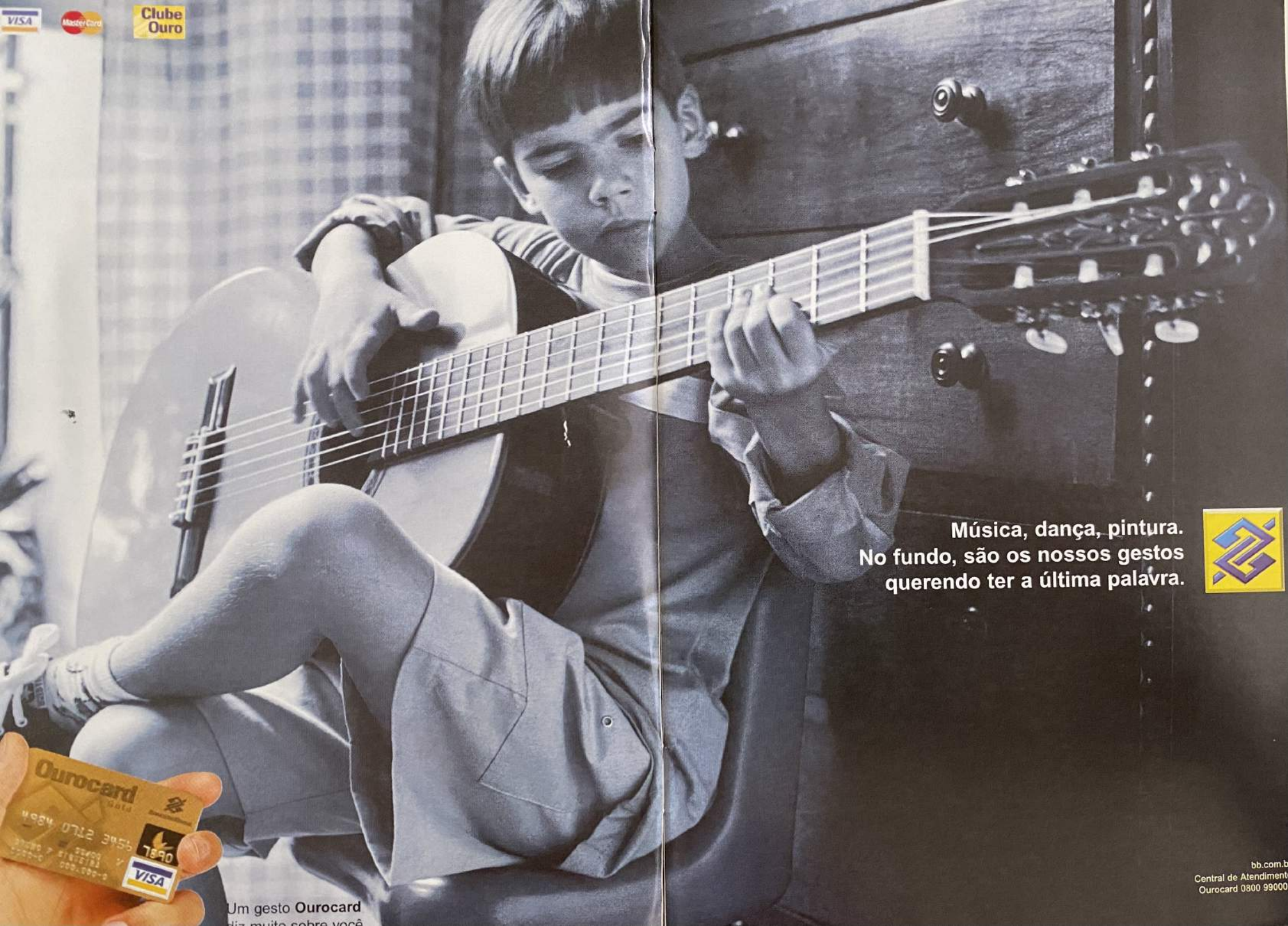
EXEMPLAR GRATUITO

Marco Nanini e
Marieta Severo

Os solitários

A dupla volta ao palco em espetáculo polêmico

Jornal do Teatro ✦ Em Cartaz ✦ Adriana Falcão ✦ Bemvindo Sequeira ✦ Cleyde Yáconis ✦ Heloísa Perissé ✦ Pedro Paulo Rangel ✦ Sérgio Britto ✦ Stella Freitas ✦ Vera Holtz


VISA
MasterCard
Clube Ouro
Ourocard
VISA
Música, dança, pintura.
No fundo, são os nossos gestos
querendo ter a última palavra.
Um gesto Ourocard
bb.com.b
Central de Atendiment
Ourocard 0800 99000

Homenagem dupla

Teatro Musical Brasileiro 3, estréia de setembro no Teatro Scala, vai lembrar os 15 anos da morte de Luiz Antonio Martinez Corrêa, autor do projeto e responsável pelas duas primeira produções, e os 30 anos de teatro de Maria Zilda Bethlem. A revista, em dois atos e 29 quadros, teve pesquisa de Maria Helena Martinez Corrêa, irmã de Luiz Antonio, e terá roteiro e direção de Flávio Marinho. Anote!

O retorno

Débora Duarte está de volta aos palcos. Mais magra e mais bonita, entrou de cabeça na comédia *Ladrão que Rouba Ladrão*, no Teatro dos Grandes Atores. Com muitas pistas falsas na história do rapaz que encontra uma mala de dinheiro, a peça traz Débora acompanhada por Roberto Pirillo, Rogério Fabiano, Elida L'Astorina, João Carlos Barroso e João Camargo.

Ficção e realidade

O assunto não poderia ser mais atual. Como se encontram os atores e os pretensos candidatos a atores diante do imenso poder da televisão? Flávio e Dirce Migliaccio é quem dão a resposta no palco no Teatro Vannucci, a partir de agosto. O texto, de João Bethencourt, ganhou o sugestivo nome de *Astro por um Dia*. São os 15 minutos de fama...

Trio que deu certo

Desde que encenaram *Mulheres de 30* e mergulharam no universo feminino, Maitê Proença, Clarice Niskier e Domingos de Oliveira pensavam em trabalhar juntos novamente. Em *Buda,* estréia de setembro na Casa da Gávea, Maitê ficará nos bastidores, como produtora, aplaudindo Clarice numa performance solo, dirigida por Domingos. E por que Buda? Porque a personagem é budista.

GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Ana Branco/divulgação.

Almas apaixonadas

"Algumas pesquisas apontam que a paixão dura três anos, onze meses e nove dias. Outras garantem que sobrevive apenas o tempo suficiente para a fêmea ser acasalada pelo macho. Outras defendem que é um simples hiato de euforia que antecede ao inevitável reaparecimento da razão, da lucidez e do tédio, esse grande vilão. Muitas duvidam da existência de algum apaixonado que tenha resistido à vigésima primeira chateação.

Seja qual for o argumento, todos os especialistas concordam: a paixão sempre acaba. Eu discordo.

Apesar de já ter feito produção, sonoplastia e iluminação (no século passado), e até ter me arriscado num texto teatral, não tenho a pretensão de me considerar uma pessoa de teatro. Mas conheço muitas delas. 'Fazer teatro' é um dos desafios mais difíceis que existem. O que me espanta não é o talento. Nem a competência. Nem o profissionalismo.

É essa espécie de teimosia que só nasce com ela quem é muito apaixonado ou muito louco, ou apaixonado e louco, se é que um adjetivo pode sobreviver sem o outro.

Já vi muitas altas do dólar, lei essa, lei aquela, patrocínio assim e patrocínio nenhum, peças que fizeram sucesso, outras que não. Vi atores sem grana, produtores desesperados, diretores sem saída, técnicos sem trabalho. Vi também o contrário. Vi o provável. Vi o inesperado. E sempre que pensava, 'agora está provado que ficou impossível', algum louco-apaixonado recomeçava tudo em alguma parte.

Fica uma sugestão: talvez os psicólogos, sociólogos, neurologistas, sexólogos e pessimistas tenham esquecido de estudar mais detalhadamente esse pessoal que faz teatro.

Quem sabe não está aí o segredo da paixão eterna e o mundo continua perdido, procurando a resposta no lugar errado?"

Adriana Falcão, julho/agosto de 2002

O espectador assistiu, gostou e indica

Cócegas

"Indico a peça porque as comediantes têm um humor amoroso. São comediantes fofas."

Louise Cardoso, atriz

Os Solitários

"O trabalho de Marco Nanini é grandioso. É uma verdadeira aula de teatro. Imperdível e indispensável."

Diogo Vilela, ator e diretor

As Artimanhas de Scapino

"Porque este pessoal da Cia de Laura é ótimo. Simplesmente ótimo."

Henrique Pagnoncellis, ator

Longa Jornada de um Dia Noite Adentro

"Gosto muito das peças de Eugène O'Neill. Seus textos são perfeitos e me dão muitas saudades da época em que encenei alguns."

Ruth de Souza, atriz

Vera Holtz

A vida como prioridade

Vera: 30 anos em estado de paixão

O teatro é uma arte que veio de encontro às minhas necessidades. Comecei estudando piano, dos cinco aos 16 anos de idade. Por um lado, uma tia me alertou para a necessidade da música. Meu padrinho para as artes plásticas. Era pintor, amigo de Di Cavalcanti, e acabei me formando em artes plásticas.

Quando descobri o teatro, já era professora de arte há tempos. Dava aula de geometria descritiva e de educação artística quando fui fazer um curso de expressão corporal com dois bailarinos do Stagium. Um deles me disse que tinha muito jeito para teatro. Me inscrevi na Escola de Arte Dramática (EAD), da Universidade de São Paulo (USP), e achei o curso o máximo. Me proporcionava a forma e a textura da arte, me dava a música.

Passei 30 anos em estado de paixão. Mas agora quero substituí-lo por outro projeto. Estou neste limbo e ainda sem saber qual será a nova paixão. No teatro fiz de quase tudo. Tirando iluminação e direção, trabalhei em adereçaria de óperas no Teatro Municipal, fui contra-regra, assistente de figurino, sonoplasta. Tudo era sagrado.

Pérola foi minha peça de maior sucesso. Fiquei cinco anos em cartaz, até 99. Em setembro do ano passado terminei a temporada de *Dias Felizes*, de Beckett. Me considero num período de repouso. Vou fazer 50 anos e me propus deixar a vida rolar mais. Quero observar a natureza em mim. Quando me dizem que estou mais bonita, me surpreendo. Acho que meus traços estão mais definidos. Estou de espectadora da natureza. Me chamam muito para fazer teatro e é insuportável dizer não. Mas a prioridade agora é minha vida. Afinal, tudo que fiz até hoje foi em função do teatro."

Longa jornada de um dia noite adentro

Autobiográfica, a peça de Eugene O'Neill ganhou o prêmio Pulitzer.

Por Maria Lucia Rangel

Dirigir *A Longa Jornada de um Dia Noite Adentro* é um sonho antigo do diretor Naum Alves de Souza. Uma peça sempre mantida ao lado de seu travesseiro. Quando se deparava com um problema criativo, Naum abria o texto e encontrava a resposta. A temporada que se inicia no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) marca também a volta do diretor ao Rio e seu encontro com um grupo de atores que sempre admirou, principalmente Cleyde Yáconis e Sérgio Britto, com quem nunca tinha trabalhado.

A história de uma vida

A última peça do autor, que recebeu por ela o Prêmio Pulitzer póstumo (já tinha recebido outros três em vida), é claramente autobiográfica, passando-se numa casa à beira-mar, no final de um verão, logo depois do café da manhã, e atravessa o dia mergulhando na noite. O centro de tudo é a infeliz família O' Neill/Tyrone. James, o pai (Sérgio Britto), Mary, a mãe (Cleyde Yáconis), Jamie, o filho mais velho (Genézio de Barros) e Edmund, o mais novo (Marco Antonio Pâmio). Somente Cathleen (Flávia Guedes), a empregada irlandesa, não se envolve com o núcleo familiar. O pai é um ator famoso ligado a um único papel – Conde de Monte Cristo – que lhe rendeu dinheiro e frustrações. Devido a uma infância miserável de imigrante irlandês, é avarento. A mãe é dependente de morfina e debate-se entre culpas, acusações e atitudes arrogantes ou humilhantes. O filho mais velho é desajustado e alcoólatra. O mais novo, constata neste "longo dia" que está tuberculoso.

Drama em família

"Dramaticamente é uma peça extraordinária", diz Sérgio Britto. "E o mais extraordinário é que são quatro pessoas que se amam e vivem em choque. Meu personagem diz uma coisa sobre a avareza que é fundamental: eu aprendi o valor do dinheiro em casa. E o medo da pobreza também em casa. Foi quando minha mãe ganhou um dólar e disse que, pelo menos uma vez, poderia comprar comida para a família."

Cleyde Y
e Sérgio

Para o ator, *Longa Jornada*, depois de *Rei Lear*, é a peça mais importante em sua vida: há 26 anos sonho em encená-la. E com a Cleyde. Em 1976, comprei o livro em Nova Iorque e dei à ela de presente."

Quando tudo começou...

Longa Jornada mostra também o momento em que O'Neill, internado em um sanatório, começa a sonhar em escrever. Suas inspirações são Ibsen, Wedekink e Strindberg. "Este projeto começou há dois anos", lembra Naum. "E sempre com a Cleyde. Quando sugeriram o Sérgio Britto, achei
nha a calhar. Pâmio e Genézio, pr
atores paulistas, foram escolhidos p
cariocas estavam todos envolvidos
levisão. A única que passou por test
via Guedes, uma carioca supertalent
papel é pequeno, mas marcante.
que tem uma cena de carinho."

Influenciado por O'Neill, princip
em *No Natal a Gente vem te Busc
Beijo, um Abraço*, Naum percebeu
correr dos ensaios, que suas peç
lhotes. "se eu sofro ao dirigir? Tem
sim. Mas a gente adora a peça. Dig
é uma peça-monumento, exempla

Doente imaginário

Clássico de Molière traz Bemvindo Sequeira como o hipocondríaco Argon.

Por Maria Lucia Rangel

Bemvindo Sequeira e Suelly Franco

FOTO: CHICO LIMA/DIVULGAÇÃO

De 1673 para 2002, foi só um pulinho. Para Bemvindo Sequeira, que estréia seu primeiro clássico no Teatro Sesi, *Doente Imaginário*, de Molière, trata do básico. E por ser um clássico, as características dos personagens continuam atuais e modernas. Empenhado em mostrar um espetáculo perfeito, o ator está trabalhando debaixo de uma disciplina férrea sob a direção de Jacqueline Laurence, e não consegue disfarçar a tosse nervosa, que sempre o ataca antes de uma estréia.

Desta vez, não haverá cacos ou improvisos. A onipotência que, por insegurança, acomete o ator ao improvisar, foi deixada de lado. Afinal, como lembra Bemvindo, *Doente Imaginário*, por ser um clássico, vem com o texto pronto e muito bem acabado. Texto fácil de decorar, já que foi o próprio Bemvindo o autor da tradução, cuja dramaturgia foi "arredondada" por João Bethencourt. O trabalho ajudou o ator não só a decorar mas a dominar e saber o que o texto quer dizer.

Síndrome de Felipão

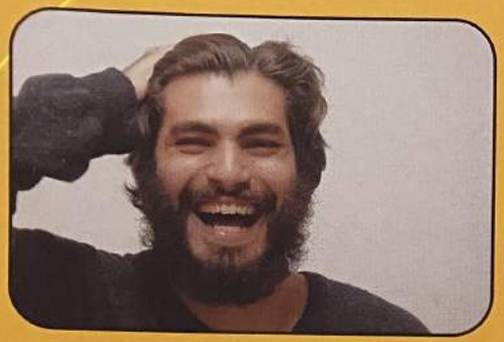
Em cena, nove atores escolhidos a dedo numa das comédias mais conhecidas de Molière, a história do burguês Argon (Bemvindo), o doente imaginário rico e avarento que sofre de hipocondria. Sua filha Angélica (Janaína Prado) se apaixona pelo romântico Cleanto (Carmo Dalla Vecchia), enquanto o pai deseja que ela se case com um médico, Dr. Laxante Filho (Rogério Freitas), filho de outro médico (Felipe Wagner) e também sobrinho de médico (Sebastião Lemos). Com a cumplicidade de Antonieta (Suelly Franco), fiel empregada que a criou, Angélica corresponde-se com Cleanto e apela ao tio Beraldo (Nildo Parente) para que convença o pai a desistir de seu casamento com o Dr. Laxante Filho. O elenco tem ainda a atriz Nedira Campos, como a madrasta de Angélica.

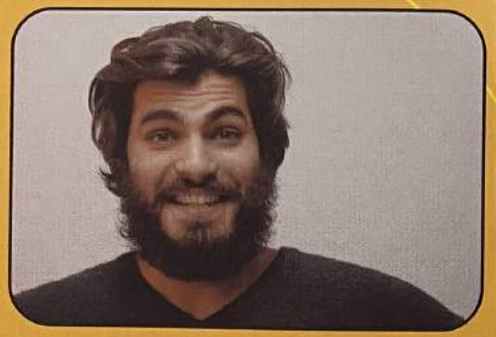
"Levei muita surra com elencos mal escolhidos", admite Bemvindo. "Pensava como os técnicos da seleção brasileira. Hoje a gente pensa como o Felipão. Tem que deixar o Romário de lado e formar uma equipe", diz bem-humorado.

Narciso em ebulição

Quando foi dirigido por Bibi Ferreira em *Deus lhe Pague*, há quatro anos, o ator recebeu dela a sugestão para encenar um clássico. Foi Jacqueline Laurence, diretora da peça, quem sugeriu Molière. Com ela e o produtor Edmundo Lippi, o ator escolheu o texto e o elenco. "As pessoas ainda acreditam piamente na medicina", analisa Bemvindo. "Mas, para mim, a medicina não é uma ciência, e sim uma arte. O patrono da medicina é Apolo, também Deus da música. Medicina é harmonia. E eu sempre tive horror do poder da medicina. Até hoje os médicos brigam entre si, alopatas, homeopatas, ortomoleculares. Exatamente como os atores."

Com patrocínio da Embratel, Rio Sul, Transportadora 5 Estrelas e Hotéis Parthenon, Bemvindo fará o que mais gosta, aparecer e, espera, brilhar: "Meu Narciso quer aparecer. O ator quer luz em volta dele, se não, porque não ser pintor ou outra coisa qualquer? Com *Doente Imaginário* temos tudo para fazermos 5 x 0 e nos tornarmos, também pentacampeões."





No Círculo das Luzes

Thiago Lacerda e Pedro Paulo Rangel levam ao palco um duelo inesperado: comédia x tragédia.

Por Maria Lucia Rangel

Foi na televisão que o namoro profissional de Ulisses Cruz e Thiago Lacerda começou. A partir de 2 de agosto, o encontro entre diretor e ator dá frutos no palco do Teatro Maison de France com a peça de Doc Comparato *No Círculo das Luzes*. É o jovem ator, junto com a Dueto, quem produz o espetáculo encabeçando por ele e Pedro Paulo Rangel, que jurou não fazer mais televisão e teatro ao mesmo tempo. As juras deram em nada, porque o ator vai começar a gravar a novela *Solar da Paixão*, no Projac, e, do outro lado da cidade, subirá ao palco nas noites de quinta a domingo.

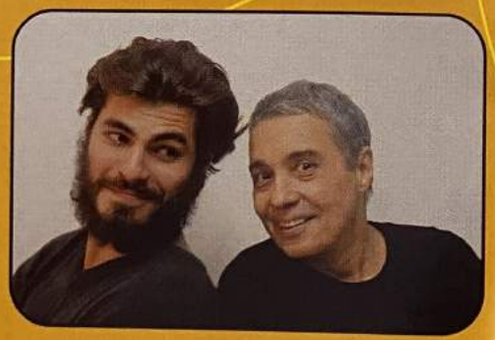
A idéia de *No Círculo das Luzes* é curiosa. A comédia, ambientada no século XVII, tem personagens históricos como Molière, Racine, La Fontaine e o rei Luís XIX. O principal conflito da peça é um fictício duelo entre os dois mais importantes gêneros teatrais: comédia x tragédia.

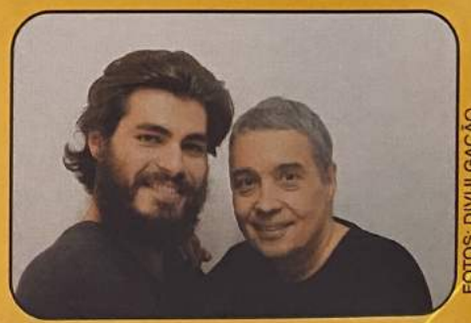
"O bispo e os nobres apostam com Luís XIX que Molière não seria sucesso se não tivesse uma vida tão bem sucedida", conta Pedro Paulo Rangel. "Eles então Instigam Racine a se posicionar contra o comediante porque a comédia é um gênero baixo e provoca os maus instintos."

Revolução de conceitos

A história começa com o jovem Racine (Thiago Lacerda), recém-chegado a Paris. Ele encontra a produção teatral de Molière ocupando um lugar de destaque na cidade, então centro cultural do mundo ocidental. Fazendo tudo para seduzir o rei, Racine passa a ocupar o lugar de Molière, impondo uma revolução das artes que passa a valorizar as peças trágicas em detrimento das famosas comédias. "Depois de ganhar três prêmios Molière, vou interpretar o próprio", acha graça Pedro Paulo. "E nunca fiz uma peça dele".

A produção tem cenário de Hélo Eichbauer, figurinos de Marcos Nasci e Daniela Thomas, e iluminação de Domingos Quintiliano. Dividindo a cena com Thiago e Pedro Paulo, os atores Tetê Medina, como Madeleine Béjart, mulher de Molière e atriz de sua companhia. Ana Kutner, como Armande, a filha de Madeleine que se casa com Molière. E também De Bonis, Gaspar Filho, Marcelo Escorel, Marcos Daud, Rocco Pitanga e Thiago De Los Reyes. "Ulisses tem uma equipe que trabalha com ele há anos", conta Pedro Pedro, " e é tudo muito azeitado." O cenário é composto de estruturas de ferro móveis, também movidas pelos próprios atores.





FOTOS: DIVULGAÇÃO

Marco Nanini e Marieta Severo

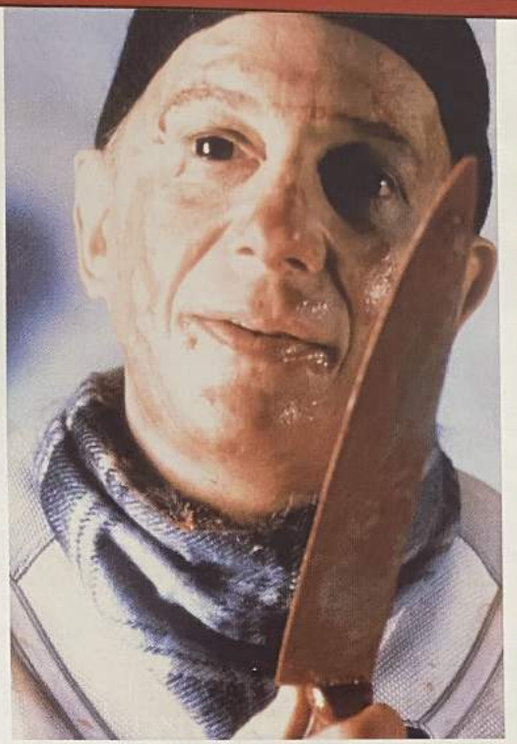
Os solitários

Marieta Severo e Marco Nanini em espetáculo instigante e perturbador. Para amar ou odiar.

Por Maria Lucia Rangel

Hitler, Katherine Hepburn, Spinoza, Cidadão Kane, Christian Lacroix, Ravel, Pina Bausch, Seinfeld, Harold Pinter e Montgomery Clift são algumas das citações de *Os Solitários*, um caleidoscópio de referências e associações que apresentam uma visão fragmentada do mundo ao acentuar a relatividade das coisas e a ambivalência do homem moderno. Concebido por Felipe Hirsch e Guilherme Weber a partir de dois textos teatrais do americano Nicky Silver, *a peça*, em temporada no Teatro João Caetano, reúne novamente Marieta Severo e Marco Nanini em papéis polêmicos e estimulantes, que vêm deixando os espectadores atônitos. O público ama ou odeia.

Para Nanini, muito da referência de *Os Solitários* – que reúne dois textos do autor,



Marco Nanini em três momentos

Pterodátilos e *Homens Gordos de Saia* – vem de Ionesco, que ele nunca encenou, a não ser na escola. "O que primeiro me fascinou foi trabalhar com Felipe Hirsch, com a companhia dele e a Marieta. Quando o Felipe nos apresentou opções de peça ficamos fascinados pelos diálogos de Nicky Silver."

Crítica à família

O autor americano nasceu na Filadélfia, mas mora em Nova York há vários anos, onde estudou teatro. Escreveu a primeira peça no último ano da faculdade, no entanto o sucesso demorou. Foi com uma crítica no *New York Times* da peça *Pterodátilos* (que tem os dedos unidos por membranas) que sua vida mudou. O trabalho marcou também o princípio de sua colaboração com o teatro off-Broadway Vineyard Theatre. Desde então,

Guilherme Weber

Marieta Severo

uma produção ou um workshop de Silver está sempre em andamento no Vineyard. Montadas nos principais centros americanos e na Europa, as peças do americano exploram os recantos mais escuros da família americana, com tiradas ferozes e cáusticas.

"Faço Ema e Arthur, filha e pai, na primeira peça, e um menino de 11 anos, Bishop, na segunda, além de apresentar a introdução do espetáculo", conta Nanini. "O engraçado é que Silver é um autor de final de século com um pé no realismo mais fantástico do Nelson Rodrigues. O espetáculo é bem polêmico e mexe com o espectador. Não deixa ninguém passivo. O humor é feito em cima de coisas terríveis, daí os extremos. As pessoas adoram, vêem duas, três vezes, ou odeiam e saem porta afora no meio do espetáculo."

Polêmica

As saídas intempestivas dos espectadores não incomodam os atores. Para Nanini, a função do teatro é esta, mexer com quem está assistindo. E, para ele, mais importante do que a mensagem da peça ou o divertimento, é o lado sensorial dos personagens. O desafio que eles trazem é que o faz aceitar um papel. "E nesta peça tenho personagens bem variados e mudanças de roupas, mas não tão rápido como *Irma Vap*. Quisemos nos distanciar de qualquer semelhança", explica.

Segundo Marieta Severo, as duas peças, independentes, nunca levadas juntas, se completam. "O que é apenas neurose na primeira, se realiza na segunda", explica. "Se a primeira propõe temas como incesto e desagregação familiar, a segunda coloca os temas em cena."

Colecione, assine!

Enviamos para todo o Brasil

Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações
Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

UM PRESENTE QUE VAI EMOCIONAR...
Coleção completa de Aplauso por R$ 48! Edições de 1 a 40

Dê uma Chance ao Amor

Comédia de Heloísa Perissé reúne o casal Nívea Stelmann e Mário Frias.

Por Maria Lucia Rangel

Recém-casados e com gravações ininterruptas na TV Globo, o jovem casal Nívea Stelmann e Mário Frias decidiu se encontrar no palco. No Teatro Miguel Falabella, os dois encenam a peça *Dê uma Chance ao Amor*, comédia romântica de Heloísa Perissé, a consagrada autora e atriz de *Cócegas*, escrita há cinco anos e mostrada apenas no Tablado.

Nívea Stelmann, cujo personagem na novela *O Clone* era rival de Jade, também casada com Said, passou os últimos tempos freqüentando a Fundição Progresso todos os dias, aprendendo as artes do trapézio com a professora Beth Martins, da Intrépida Trupe. A atriz faz a professora circense Teteca, "toda certinha", que se apaixona e se casa em oito meses. Mário Frias – foi recorde de cartas da Globo quando trabalhou em *Malhação* – voltou no tempo e inspirou-se na própria adolescência, quando chegou a formar uma banda de música para viver o músico Dinho. Além de produtor da peça, Mário compôs também duas músicas para o espetáculo.

Quando a paixão vira rotina...

Lolô Perissé diz ter se inspirado numa espécie de "arquivo pessoal de tipos humanos" para compor os personagens Teteca e Dinho. "As situações vividas por eles são absolutamente reais", garante ela. Como em *Cócegas*, muitos espectadores vão de identificar com as dores de amores do casal que rapidamente vai descobrir a rotina e os problemas do dia-a-dia: ciúme, tarefas domésticas, contas a pagar, futebol com os amigos, disputas pelo controle remoto e muito mais.

A cenografia e a iluminação ajudam a destacar os momentos de instabilidade por que passa o casal. O cenógrafo Ronaldo Cerrone e o iluminador Aurélio de Simoni utilizaram uma grande janela do cenário para uma brincadeira: o clima lá fora varia de acordo com as mudanças emocionais dos personagens. O diretor João Brandão, com quem Mário Frias estreou profissionalmente no teatro, na peça *Independência*, destaca a mensagem de *Dê uma Chance ao Amor*, "a busca pelo equilíbrio no relacionamento afetivo a partir das diversas fases por que passa um casal. Equilibrar os extremos é o grande desafio." Alguém duvida?

A Guerra Conjugal

Texto de Dalton Trevisan que faz uma radiografia da classe média brasileira. Direção de Leonardo Netto. Elenco: André Pontenova, Fabiana Omena, Ilma Dias. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2230-3511. Terças e quartas, 20h30. R$15. Até 31 de julho.

A Lição

Texto de Eugène Ionesco traduzido por Luiz de Lima, que discute o espírito de dominação presente na relação professor-aluno. Direção de Charles Azevedo. Com o Grupo Um Mergulho na Literatura.
Sala Paraíso do Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradente, s/n, Centro). Fone: 2232-8701. Quinta, sexta e domingo, 18h30. Sábado, 20h. R$10. Até 6 de agosto.

A Prova

Peça de David Auburn sobre o mistério da autoria de uma prova que promete ser uma descoberta fenomenal da matemática. Direção de Aderbal Freire-Filho. Com Andréa Beltrão, José de Abreu. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$30 (qui., sex. e dom.). R$35 (sáb.).

A Vida Como Ela É...

Dez anos depois de receber prêmios de melhor espetáculo e direção, a peça baseada nas crônicas de Nelson Rodrigues é remontada. Direção de Luiz Arthur Nunes. Com o Núcleo Carioca de Teatro. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2232-8701. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 21h. R$10.

As Artimanhas de Scapino

Peça de Molière com os tipos da commedia dell'arte. Direção: Daniel Herz. Com a Cia. dos Atores de Laura. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2247-6946. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant

Texto de Rainer Werner Fassbinder sobre famosa estilista que se separa do segundo marido e resolve viver de forma livre e independente. Direção de Ticiana Studart. Elenco: Denise Weinberg, Carla Marins, Miwa Yanagizawa. **Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241, Centro). Fone: 2510-8848. De quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R$10.

Abajur Lilás

Peça de Plínio Marcos sobre três prostitutas em confronto com o homossexual que as explora. Direção de Sérgio Ferrara. Elenco: Esther Góes, Ângela Barros, Valéria Pontes, Sérgio Rufino e Elder Fraga. **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2541-6799. De sexta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$10 (sex.) e R$15 (sáb. e dom.).

Aqui se Faz, Aqui se paga

Comédia musical sobre vidas passadas, de Mauro Rasi e Vicente Pereira. Direção de Jorge Fernando. Elenco: J.F., Duze Naccarati, Marcelo Barros. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$25 (qui., sex., e dom.) e R$30 (sáb.).

Astro por um Dia

Escrita e dirigida por João Bethencourt, mostra a busca pela fama quando um ator é confundido com Paulo Gracindo. Elenco: Flávio Migliaccio, Dirce Migliaccio, Cristina Bethencourt e Luciano Borges. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Terças e quartas, 21h. Quinta, 17h. R$16. Estréia 6 de agosto.

Caixa 2

Comédia de Juca de Oliveira sobre a realidade absurda vivida pelo brasileiro. Direção de Fauzi Arap. Elenco: Mauro Mendonça, Oswaldo Loureiro, Cláudia Mauro. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2220-8394. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R$25.

Chega de Sobremesa

Estréia da atriz Stella Freitas como autora teatral. Com Stella Freitas. Direção de André Paes Leme. **Teatro Sesc Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

Cócegas

Oito histórias bem-humoradas sobre o universo feminino de duas jovens autoras e atrizes, Ingrid Guimarães e

Heloisa Perissé. Direção de Aloísio de Abreu, Sura Berditchevsky, Luiz Carlos Tourinho e Marcelo Saback. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25 (qua. e qui.), R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

Constellation: o musical

Com texto de Cláudio Magnavita, o musical faz uma homenagem aos anos dourados do Rio de Janeiro entre as décadas de 50 e 60. Direção de Eduardo Loyola. Elenco: Patrícia Levy, Adriana Quadros. **Café-Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h. R$30.

Dê uma Chance ao Amor

Texto de Heloísa Perissé sobre as situações inusitadas que surgem quando um casal jovem resolve morar junto. Direção de João Brandão. Elenco: Mário Frias e Nívea Stelmann. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.474, Norte Shopping). Fone: 2595-8245. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h 30. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.)

E Agora, Drummond?

Textos escritos por Carlos Drummond de Andrade passando pela infância, amor, Deus, Brasil e paz. Roteiro de Maria Lucya de Lima, também diretora, e Maria Pompeu. Com Maria Pompeu, Amaury de Lima. **Café do Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arco Verde, s/n, Copacabana). Fone: 2547-7003. De quarta a sábado, 19h. R$12. Até 3 de agosto.

Elis

Musical sobre Elis Regina, desde a infância em Porto Alegre até o sucesso como a maior cantora do Brasil. Texto de Douglas Dwight e Fátima Valença. Direção de Diogo Vilela. Elenco: Inês Viana, Cláudio Lins, Jandir Ferrari. **Teatro Scala** (Rua Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 2239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$30 (qui. e dom.) e R$35 (sex. e sáb.).

Francisco de Assis

Musical com texto e direção de Ciro Barcelos, narrando a vida de um dos ícones da Igreja Católica. Elenco: Ciro Barcelos, 13 atores-bailarinos e 4 músicos. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824 A, Ipanema). Fone: 2523-9794. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. dom.) e R$25 (sáb.).

Hamlet é Negro

Leitura arrojada do diretor Antonio Abujamra sobre o clássico de Shakespeare, só com atores negros. Elenco: Kadu Carneiro, Iléa Ferraz, Flávio Moraes. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Incidências

Peça de Dani Duarte, Flávio Pardal e Gisele Câmara trazendo à tona temas polêmicos como a violência contra a mulher. Direção de Rodrigo Portella. Elenco: Dani Duarte, Rodrigo Penna, Gisele Câmara e Paulo Hamilton. **Espaço 3 do Teatro Villa-Lôbos** ((Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Terça e quarta, 21h. R$10.

Insensatez

Dois monólogos de Jean Cocteau sobre a obsessão. Direção de Ticiana Studart. Com Miwa Yanagizawa. **Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241, Centro). Fone: 2510-8848. Os monólogos se intercalam. Estréia no dia 25 com *O Belo Indiferente* e, no dia seguinte, *A Voz Humana*. De quinta a domingo, 18h. R$7.

Ladrão que Rouba Ladrão

Comédia do inglês Ray Cooney sobre um homem que toma posse, por acidente, de um milhão e meio de dólares. Direção de Cyrano Santarém. Elenco: Débora Duarte, Roberto Pirillo, Rogério Fabiano. **Sala Azul do Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra). Fone: 3325-1645. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$25 (qui.). R$30 (sex. e dom.) eR$35 (sáb.). Até 1 de agosto.

L'Amour

Concepção e roteiro de Maria das Graças Corrêa Lima homenageando Victor Hugo e Edith Piaf através de dois jovens apaixonados. Direção de Ivan Martins. Elenco: Letícia Carvalho e Wendell Bendelack. **Espaço Cultural Correia Lima** (Rua Bento Lisboa, 64, Catete). Sextas e sábados, 21h. R$12.

Laranja Mecânica

Romance de Anthony Burgess que

virou filme de Stanley Kubrick, sobre um degenerado que sofre uma lavagem cerebral. Direção de Paulo Afonso de Lima. Com Augusto Negrelly, Arlindo Lopes, Liliane Rovaris. **Teatro Sesc-Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. De quarta a sexta, 21h. Sábado, 21h e 24h. Domingo, 20h. R$10.

Longa Jornada de um Dia Noite Adentro

Texto de Eugene O'Neil, cuja ação acontece durante cerca de 16 horas na casa de uma família em processo de desestruturação. Direção de Naum Alves de Souza. Com Cleyde Yáconis, Sérgio Britto, Genésio de Barros. **Teatro 1 do CCBB** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$10.

Mamãe Não Pode Saber

Comédia de João Falcão sobre o absurdo das situações que vivemos hoje em dia. Direção do próprio autor. Elenco: Drica Morais, Vladimir Brichta, Lázaro Ramos. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h 30. Domingo, a confirmar. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Na Medida do Possível

Comédia que questiona os direitos do homem, com textos de Luiz Carlos Góes, Léo Jaime, Flávio de Souza e João Batista. Direção de Marcelo Saback, com Eduardo Martini. **Teatro Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116/sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

No Círculo das Luzes

Comédia de Doc Comparato ambientada no século XVII, apresentando um fictício duelo entre dois gêneros teatrais: comédia e tragédia. Direção de Ulisses Cruz. Com Pedro Paulo Rangel, Thiago Lacerda, Tetê Medina, Ana Kutner. **Teatro Maison de France** (Av. Pres. Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2262-7527. De quinta a domingo, 19h30. R$15 (qui.), R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

Noites do Vidigal

Escrita por Luís Paulo Corrêa e Castro, a peça narra a trágica história de amor de Tião e Aparecida, mestre-sala e porta-bandeira da Escola de Samba Acadêmicos do Vidigal. Com o grupo Nós do Morro. **Espaço Cultural Sérgio Pôrto** (Rua Humaitá, 163, Humaitá).Fone: 2266-0896. Quartas e quintas, 21h. R$10.

O Doente Imaginário

Clássico de Molière sobre o rico e avarento burguês que sofre de hipocondria. Direção de Jacqueline Laurence. Com Bemvindo Siqueira, Suelly Franco, Nildo Parente. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4164. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Os Solitários

Espetáculo concebido por Felipe Hirsch, também o diretor, em parceria com Guilherme Weber, a partir de dois textos do americano Nicky Silver. Com Marieta Severo, Marco Nanini, Guilherme Weber. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes s/n, Centro). Fone: 2221-0305. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 e R$10 (sex. e dom.). R$30 e R$15 (sáb.).

Stella do Patrocínio

Clarisse Baptista transformou a história da paciente da Colônia Juliano Moreira em peça teatral e também dirige e interpreta a personagem. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2247-6946. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

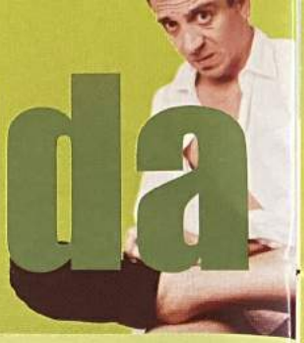
Torturas do Coração

Comédia de Ariano Suassuna sobre quatro homens que vivem em pé de guerra disputando a bela Marieta. Direção de Almir Telles. Com Bernardo Cerveró, Breno Augusto Guimarães. **Sala Baden Powell** (Av. Copacabana, 360, Copacabana). Fone: 2548-0421. Quinta, 17h e 21h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Uma Coisa que não tem Nome (e que se perdeu)

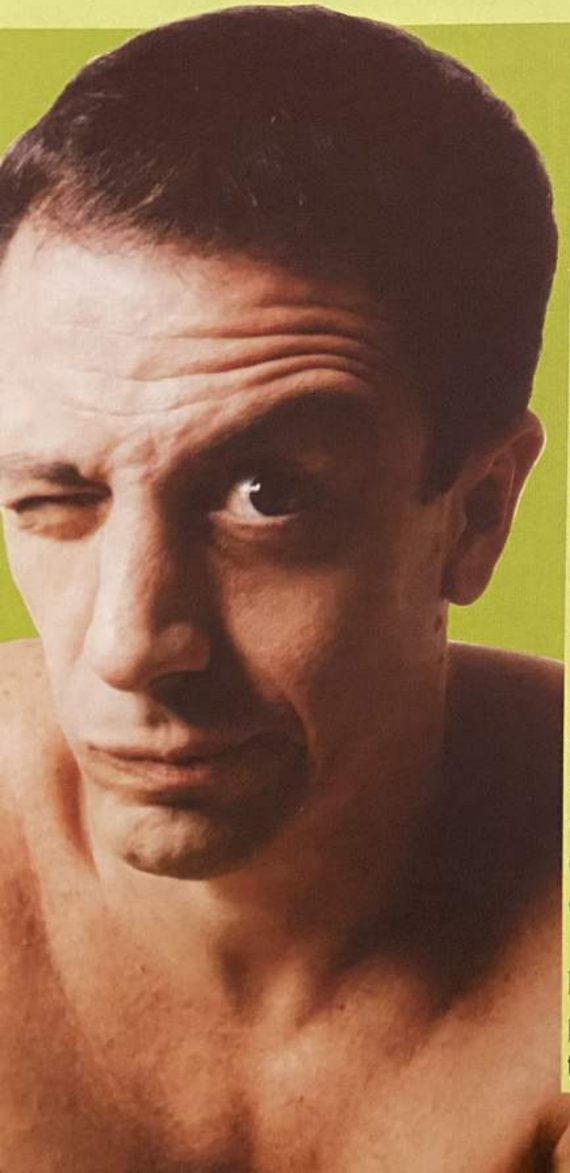
Estudo cênico criado pela Cia Teatro Autônomo, a partir de temas como desencanto e a perda de referências. Direção de Jefferson Miranda. Com Bruce Gomlevsky, Malu Galli. **Teatro do Jockey** (Rua Mário Ribeiro, 410, Jóquei). Fone: 2540-9853. Terças e quartas, 21h. R$2.

Na Medida do Possível



Um viúvo, um casado, um solteiro e um separado mostram suas fragilidades

Por Maria Lucia Rangel



Eduardo Martini procurou durante dois anos um texto teatral que falasse do homem, principalmente do homem na faixa dos 40, como ele. Para o ator, o teatro é muito matriarcal, com personagens femininos bem planejados e poucos papéis masculinos. Ele lembra Hamlet e Lear, claro, mas para atores mais velhos e mais experientes. A procura, infrutífera, levou-o a alguns autores. Quatro deles – Luiz Carlos Góes, Léo Jaime, Flávio de Souza e João Batista - se interessaram pelo projeto e seus textos acabaram interligados, contando a história de Adamastor na peça *Na Medida do Possível*, na Casa da Gávea.

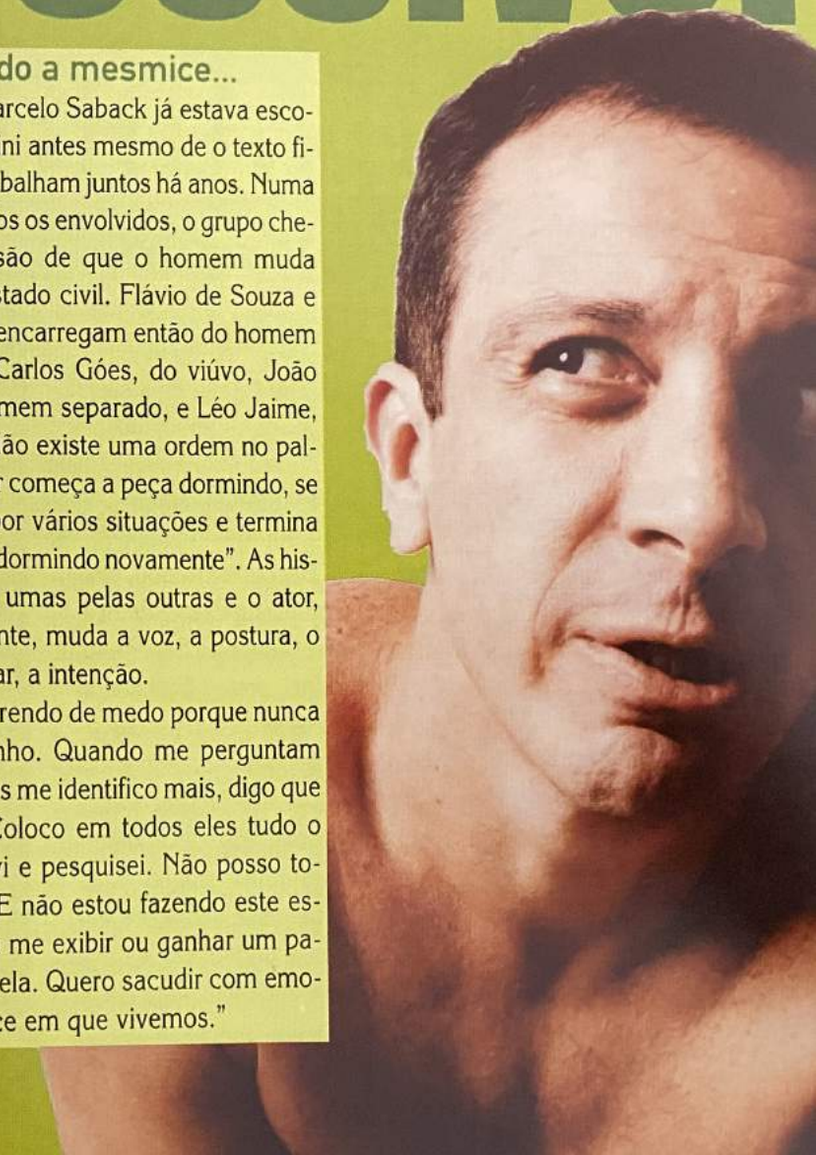
"Queria um texto popular, que tocasse as pessoas e fugisse desse estereótipo de que o homem nunca é bacana, tranqüilo ou nem sofre por amor". Martini lembra que os homens de 40 anos passaram por transformações depois de anos de conceitos e pré-conceitos impostos.

"Através de Adamastor – sozinho no palco – homens e mulheres entenderão melhor o quão patético e divertido somos todos, principalmente na busca eterna do parceiro ideal", diz ele.

Sacudindo a mesmice...

O diretor Marcelo Saback já estava escolhido por Martini antes mesmo de o texto ficar pronto. Trabalham juntos há anos. Numa reunião de todos os envolvidos, o grupo chegou à conclusão de que o homem muda conforme o estado civil. Flávio de Souza e Léo Jaime se encarregam então do homem casado. Luiz Carlos Góes, do viúvo, João Batista, do homem separado, e Léo Jaime, do solteiro. "Não existe uma ordem no palco. Adamastor começa a peça dormindo, se veste, passa por vários situações e termina se despindo e dormindo novamente". As histórias entram umas pelas outras e o ator, muito sutilmente, muda a voz, a postura, o tônus muscular, a intenção.

"Estou morrendo de medo porque nunca fiz nada sozinho. Quando me perguntam com qual deles me identifico mais, digo que com todos. Coloco em todos eles tudo o que sempre vi e pesquisei. Não posso tomar partido. E não estou fazendo este espetáculo para me exibir ou ganhar um papel numa novela. Quero sacudir com emoção a mesmice em que vivemos."



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Chega de Sobremesa

Stella Freitas conversa com a platéia. Um momento de despojamento.

Por Maria Lucia Rangel

"Eu queria ser palhaça. Sou. Depois, atriz. Sou, desde muito jovem. Depois estudei na Escola de Arte Dramática (EAD), na Universidade de São Paulo. Depois fiz jornalismo, não terminei, preferi ficar sendo atriz." No texto de apresentação de seu novo espetáculo, Stella Freitas só não disse que agora também é autora. Incentivada por Denise Stoklos e Antonia Ratto, Stella apresenta seu primeiro texto, *Chega de Sobremesa*, a partir do 8 de agosto no Sesc Copacabana.

Quando foi aconselhada por Denise Stoklos a escrever um texto que ela dirigiria, a primeira coisa que veio à cabeça de Stella foi contar histórias. Para ela, o artista é um contador de histórias. E no momento atual, dos realities shows, em que tudo é mentira, o importante era escrever a verdade. "O texto foi saindo e, quando vi, tinha um material humano, mais uma narrativa do que uma peça", explica.

Devastador

Ela não nega que foi a coisa mais difícil que fez na vida. Verdadeira arapuca e um tremendo exercício. "Um trabalho de pesquisa, de aprofundamento mesmo. Estou me colocando nua no palco. O trabalho é tão devastador que independe da roupa que vou vestir. É um despojamento de humildade."

Sem julgamentos, Stella abre os dois lados da história: "Tem algumas coisas da minha vida e coisas que todos viveram. Tem um momento em que me deparo com a história do País e entram outras pessoas. Alguém comentou comigo que tinha a ver com a Mafalda, personagem da história em quadrinhos criada pelo argentino Quino. E tem mesmo, principalmente pelo olhar inocente, infantil".

Denise Stoklos, que iria dirigir, ficou presa a outros compromissos, e André Paes Leme entrou no lugar. Com ele, a autora admite estar dividindo momentos impressionantes: "É pior do que o.b.", brinca. "Você não pode imaginar como é íntimo. O André é de uma sutileza, uma leveza. E nos demos bem no humor, porque o trabalho é muito forte e difícil também. Mas é sem dor. Olha, se ninguém gostar do espetáculo, o processo por que passamos já valeu".

Sozinha no palco, a principal intenção de Stella é fazer com que as pessoas também tenham vontade de contar as suas próprias histórias.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Suely Franco com Lafayette Galvão, Gracindo Junior e Nestor Montemar em Os Fantastikos, Teatro Carioca, 1966

a prova

David Auburn

Loterj

Medidata

com

Andréa Beltrão • Emílio de Mello • Gisele Fróes

Ator Convidado: **José de Abreu** Direção: **Aderbal Freire-Filho**

5ª a sábado às 21h - domingo às 20h

Teatro do Leblon - Rua Conde de Bernadote, 26 - Leblon

Tel.: 2274 3536

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

Realização: teatros.art

GStaff

Multishow em Revista.
Você não vai cansar de aplaudir.

No Multishow em Revista, você encontra o making of de grandes espetáculos, entrevistas com personalidades, assiste a clipes em primeira mão e ainda confere as dicas da semana de shows, filmes, peças de teatro e artes plásticas. Multishow em Revista. Um programa que merece aplauso.

De segunda a quinta, às 21h45. E todo domingo, às 22h45, tem o Compacto da Semana.

multi show
CANAL GLOBOSAT